

alberto germán | obra escultórica



alberto germán
obra escultórica

15 novembro / 1 dezembro 2007
Espaço Cultural (Fundação SOUSA PEDRO) na Rua Serpa Pinto, 10 - Lisboa

A superioridade de . . . ser!

VÍTOR ESCUDERO
Academia Nacional de Belas-Artes

Nestes conturbados tempos que nos coube em sorte viver – perturbadora e castradora amálgama de egoísmos avulsos e materialismo global! -, em que o Ser passa muito pelo Ter, quando tão bem sabemos que a expressão genuína do Ter, invariavelmente, é a mais eloquente e gritante ausência de Ser; nestes conturbados tempos, dizia eu... contemplar e usufruir do bom e do belo, é exercício que urge estimular e nivelar muito por cima, como saudável e elitista prática da mais simples, autêntica, sensitiva e emotiva relação do público com a Arte.

Confundindo-se propositadamente, nalguns casos, ou tentando ingenuamente iludir-se, a maior parte das vezes, os críticos e os galeristas de carreirismo, pretensamente enredados nos meandros do facilitismo comercial, dos corredores do ‘políticamente correcto’, dos modismos mundanos e estilos de ocasião, inventam, criam e promovem nomes, obras e trajectórias que, de tão efémeras e risíveis, um pouco como estes tempos a que infelizmente assistimos e dos quais somos parte integrante e involuntários protagonistas – e a que o Académico Jesus Soler chamou já “o caos da arte contemporânea!” - apenas pretendem sublinhar e sublimar o Ter, em detrimento da verdadeira essência da Arte e do Artista que é, no seu íntimo e na sua versão pública, ou pelo menos deveria... Ser! Um Ser em que a grandeza seja a simplicidade, a eloquência seja a humildade, a universalidade seja a interioridade, o segredo do sucesso seja a dádiva e a robustez do êxito seja a naturalidade!

Alberto Germán Franco, é tudo isto! Felizmente e Graças a Deus, um Ser que É! E, que se basta em Ser! E que, do alto da sua indiferença pelo ter, do seu desprezo pela vã aparência, do seu estilo de vida quase monástico, embuido de uma filosofia e de uma espiritualidade que o alimenta, agasalha e coforta por entre as crestadas terras da Andaluzia natal e sob os rigores da invernia agreste da Serra de Aracena, se afirma galhardamente, garbosamente, como um cavalheiro, defendendo a Arte como a sua dama, e emulando-se, qual cavaleiro medieval, na defesa do espírito e na busca da perfeição!

Já dele e da sua obra, escrevi – aquando do texto para o catálogo da sua grandiosa e já célebre exposição retrospectiva de Sevilha, por aquela Páscoa de 2006, vestida de primavera Paixão e Glória! – que “...ficará para a história da escultura, a sua personalidade transparente, a sua cristalina afectividade, a sua reveladora emoção...a sua mais íntima alma!”

Alberto Germán, agora e pela primeira vez em Lisboa, numa Homenagem sincera e intimista, mas cheia de simbolismos, à velha Olissipo, apresenta-se em pleno coração do Chiado cultural, intelectual, tradicional e boémio, na cripta da deslumbrante, significativa e emblemática Basílica de Nossa Senhora dos Mártires, mesmo por baixo da torre sineira, que marcou com o som estridente e cadenciado dos seus sinos o nascimento de Fernando Pessoa, poeta antes mesmo de o ser, porque nascido no mais poético dos bairros da alfacinha urbe.

No seio mais recatado da monumental arquitectura sagrada do século XVIII, da pombalina zona alta de Lisboa, agora aberto ao culto das artes plásticas, a Fundação SOUSA PEDRO orgulha-se de apresentar a “Obra Escultórica” de Alberto Germán, que, também como Pessoa, já era Escultor antes mesmo de o ser, porque nascido na mais artística das cidades espanholas – Sevilha – e tocado no seu Ser, pelo dom divino da genialidade e do pudor!

Essa é uma das suas muitas facetas, ou melhor, qualidades de escultor consagrado...o pudor da autenticidade da sua humildade, da sua permanente aprendizagem, da sua constante insatisfação, da sua exemplar rectidão na apreciação crítica ou auto-crítica e das suas dúvidas existenciais, plasmadas no pensador culto, no filósofo erudito, no contertuliano sábio,

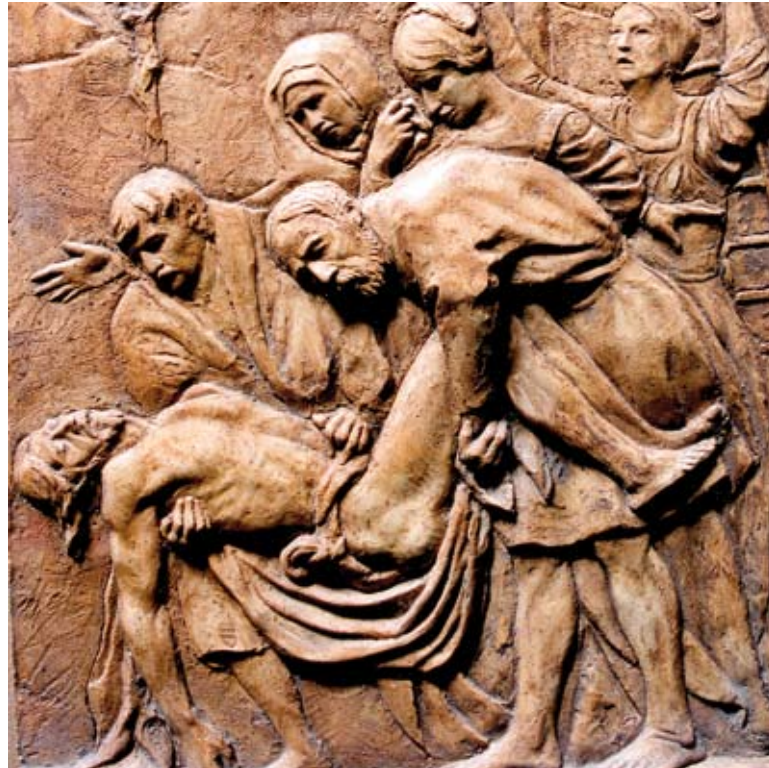
sempre ávido de conhecimentos e novas vivências, sempre atento, bom ouvinte e melhor observador...

Só esta autenticidade, este desprendimento genuíno das coisas e dos bens terrestres, esta sensível e eclética maneira de estar e de ser, o leva a ver mais longe, mais além, numa visão que transcende, o visível e se perde pelas outras dimensões e estádios do entendimento e do sensitivo, conseguindo captar inspiração, criatividade e emotividade, através desses fios invisíveis e intangíveis, ao comun dos mortais, mas acessíveis e palpáveis aos iluminados, aos destinados e bafejados pela Graça Divina!

Mais do que explicar, entender ou racionalizar, a obra escultórica de Alberto Germán, esta é para observar, degustar, tocar, ver para lá da matéria, da tridimensionalidade e intuir... só assim, se poderá, com, maior propriedade efectiva e profundidade afectiva, chegar ao coração e à alma da escultura que, tal como o seu autor, tem muito mais que se lhe diga, pois ao interesse de um reconhecimento fácil, uma recordação espontânea, um imediato e compensador comercialismo, sobrepõe a vontade da perfeição, o sonho da perenidade e o certificado da história. Ao Ter, porque de facto, até o tem, com mérito e chama própria, a obra de Alberto Germán, prefere... Ser!

E, também, neste Ser...um empenhado testemunho de excelente vizinhança, de sã convivência, de fraterna solidariedade, de desinteressada troca de experiências cívicas e vivências culturais, entre ambos os nossos Povos, deste imenso e peninsular capote de passeio ao Sol da Ibéria. É um Ser, também, preito de homenagem ao Mundo Ibérico, ao Pensamento Ibérico, à Cultura Ibérica, seguramente duas ou mais maneiras de estar e ser cultura, com raízes e matizes diferentes, mas sempre mais importantes que as barreiras da língua ou as fronteiras da política!

Alberto Germán e a sua “Obra Escultórica”, a sua verdadeira essência e a sua exemplar projecção, agora em Lisboa, esta cidade das sete colinas, que há muito o conquistou pela sua luz e pelo seu ambiente, evidenciam à saciedade como se pode e se deve ser! Com a simplicidade, a genialidade e a superioridade de...Ser!






Monumento em bronze
a Cristovão Colombo em
La Rábida, Palos de la
Frontera, Huelva.







A terminar o
modelo em barro
do monumento a
Colombo de La Rábida.





Monumento em
bronze ao Futebol
em Huelva.
Ano 2003.







Monumento
em bronze à
dinastia taurina
"Litri".

Sagrada
Familia.
Ano 2005.





Monumento em bronze
a Cristovão Colombo
em Moguer, Huelva.
Ano 2006.





Monumento em bronze
às azeitoneiras em
Bollulos de la Mitación,
Sevilha.

Alberto o Grande

ANTÓNIO DE SOUSA LARA
Presidente da Academia de Letras e Artes

Um escultor realista parece estar, permanentemente, confrontado com um certo paradoxo, que consiste no seguinte: por um lado, exige - se - lhe que cumpra a realidade estática de uma forma excepcional, configurando um expoente, um máximo dela própria; por outro, exige - se - lhe, também, que represente a vida com a dinâmica que lhe é própria, que capte a alma das pessoas e o espírito das coisas. Ou seja, o escultor realista tem de conseguir retratar a realidade melhor do que ela é. Nada de mais difícil. E por isso, encontramos inúmeras esculturas de artistas realistas que “fotografam” de uma forma precisa a realidade estática, perdendo - lhe da alma

Alguns génios da Escultura conseguem a tal simbiose impossível. Alberto German é um deles.

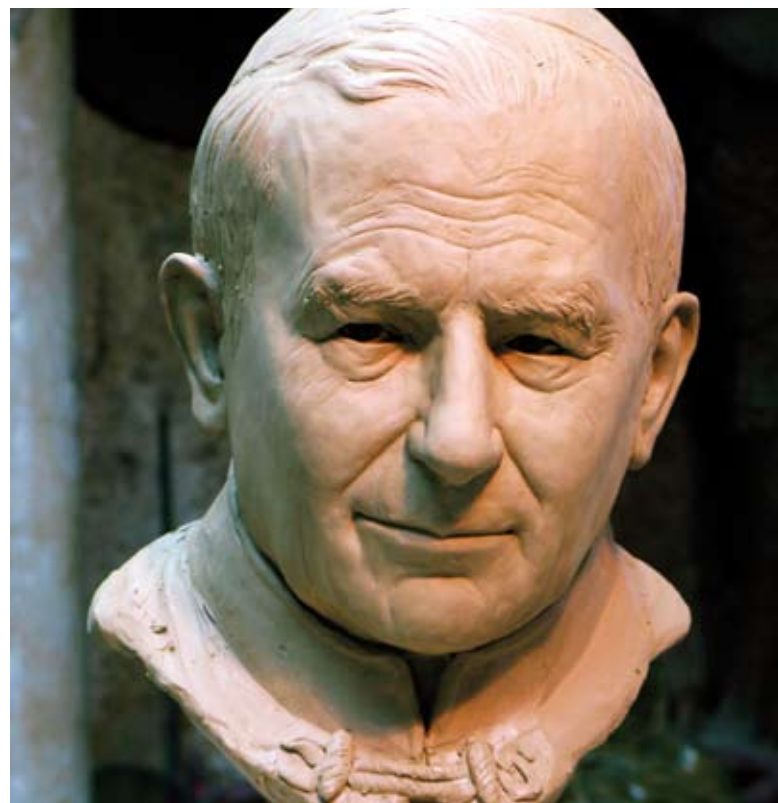
Que as esculturas criadas com a intenção de movimento representem e apresentem um efeito extraordinariamente dinâmico, como acontece com “Sorte de varas (1997)”, “Monumento ao futebol (2003)”, “Grupo escultórico (1991)”, “Evocação (1992)”, não é tanto para admirar quanto para aplaudir, pois são verdadeiramente notáveis. Mas as esculturas criadas com a intenção de figurar uma atitude estática, ganharem vida e movimento, maxime com obra “Toureiro sentado (1990)”, “A sagrada família (2005)”, “A Virgem do Carmo (2003)”, “O profeta Jeremias (1995)”, “Monumento a

Maria Isabel (2005)”, “Monumento ao toureiro Luis Vasques (2003)” e, de uma maneira geral e quase que absoluta, toda a sua galeria de retratos, aí sim estamos perante um continuum impressionante e inolvidável, uma excepção humanamente impossível de alcançar.

Alberto German é efectivamente um grande escultor. Mas se bem compreendo o que se passa com os Artistas da figuração plástica, há uma parte da sua obra, em situações raras, mas semelhantes à presente, em que o escultor é apenas um instrumento nas mãos do transcendente. Quando o artista busca a perfeição, a Perfeição vem ter com ele e completa a sua criação. Nessa medida e para quem acredita em Deus, o artista é um veículo da Divindade criadora e onipotente, a única que encerra a verdadeira perfeição. Se consigo perceber este mecanismo de criação, o artista sabe mais e melhor que efectivamente vai conseguir o excelso do que como e porquê o vai conseguir. A falta de humildade de muitos não permitirá confessar o que acontece. E por isso é preciso conhecer pessoalmente o artista para compreender a relação entre a obra e o autor. Alberto German, tal como todos os grandes Artistas verdadeiros, é um homem simples e apresenta a humildade de quem compreende ou intui a característica de quem recebe um dom superior e faz tudo para que este através dele se manifeste. Haver pessoas assim é um bálsamo para alma e um verdadeiro conforto para a causa da Humanidade.



O poeta Manuel Mota. Ano 2002.



João Paulo II. Ano 2005.



Michael Saul. Ano 2004.



Norberto. Ano 2004.

Cristovão Colombo com os monjes de La Rábida. Relevo em bronze para o monumento a Colombo. Ano 2006.



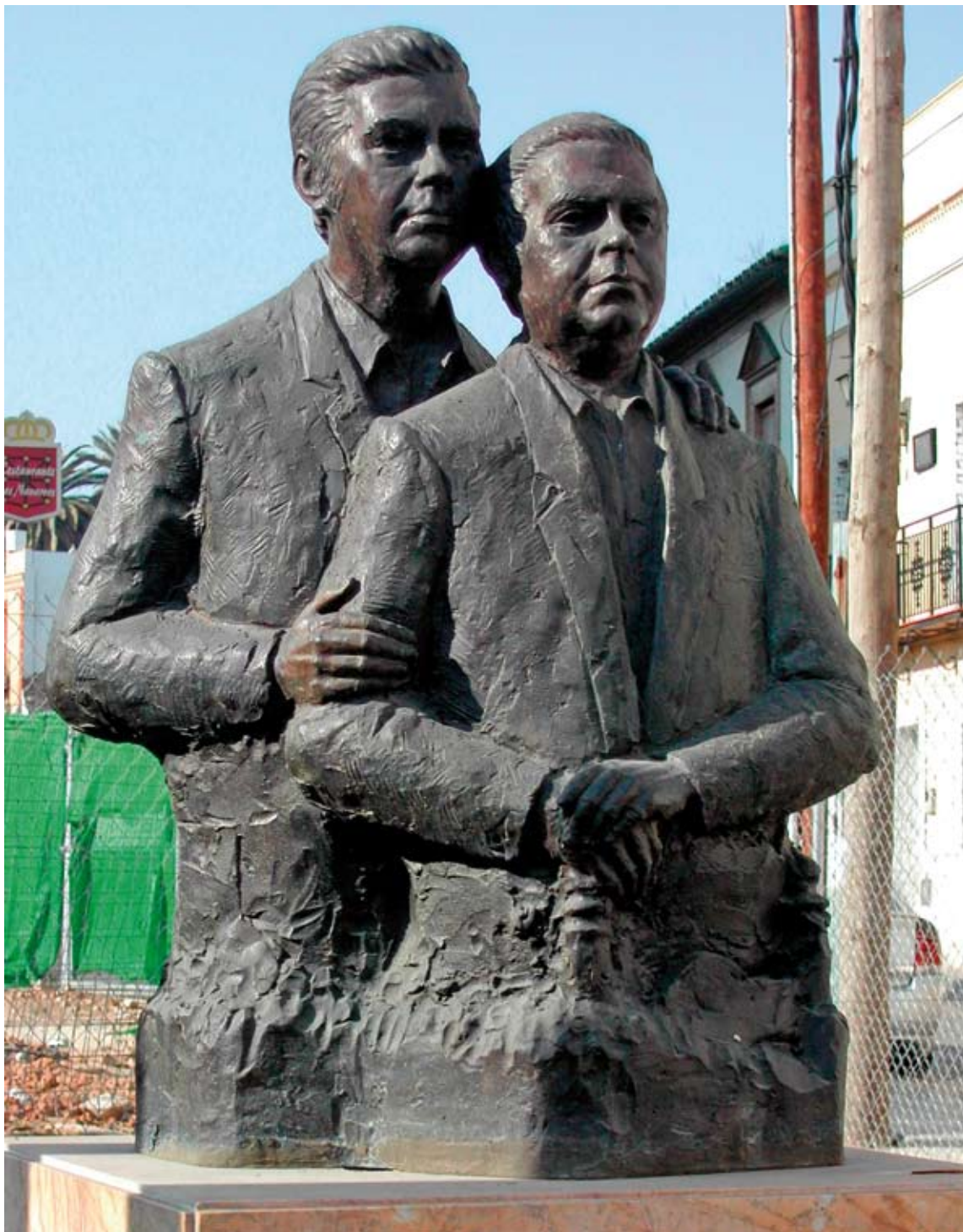


Partida das caravelas.
Relevo em bronze para o
monumento a Colombo em
La Rábida.



Maquete para o monumento a Manuel Jiménez "Chicuelo" em Sevilha.





Monumento em bronze aos irmãos Reyes em Castilleja de la Cuesta, Sevilha. Ano 2003.



Coluna escultórica no
Externato João Alberto
Faria em Arruda dos
Vinhos.

Monumento em bronze em homenagem às bandas portuguesas do Montijo, Alcochete e Saumouco, Ayamonte, Huelva.







Monumento em
bronze ao “concejil” em
Aracena, Huelva.
Ano 2003.

Ao compositor sevillano
Manuel Castillo, realizada
em bronze e metal soldado.
Ano 2006.



Homenagem à Cidade de Lisboa

ALBERTO GERMÁN


Escultor

Aproveito um pequeno e tranquilo momento de pausa, para escrever algumas palavras, depois de um intenso dia de trabalho em que a matéria, uma vez mais, tentou resistir à minha impaciência na permanente aprendizagem ou descoberta da terceira dimensão, ou talvez até, na constante procura da essência e do espírito, ao fim e ao cabo, tudo quanto se nos escapa da nossa própria condição física. Agora, precisamente agora, com o início do descanso, começa a fluir pela minha mente, pela minha alma e pelo meu coração, um sem fim de recordações, sensações e emoções, enquanto observo e analiso o resultado da minha obra e do meu labor...

Por companhia, em pano de fundo, ouço Chopin, que se descarna com os últimos e poéticos raios de luz do dia. Sonho com aquele miúdo que, entre jogos e brincadeiras, ficava extasiado com o banho de ouro intenso que saturava o branco das ruas de Ayamonte, prenda que o sol displicentemente deixava cair, enquanto se escapava por detrás da silhueta em contra luz do secular castelo de Castro Marín. Era Portugal, aquela terra alva, cujo mistério me envolvia com uma atracção e uma fragrância intensa a maresia. Era Portugal, aquela outra evocação de cores e cheiros, que me transportava, num abrir e fechar de olhos, ao perfil de um barco que abandona o estuário que se quer fazer oceano, levando consigo profundas saudades de Lisboa, cidade que marca um antes e um depois, na vida de quem a conhece e por ela se apaixona...

E, penso, o afortunado que sou de poder participar na vida cultural de esta cidade de arreigadas tradições, inspiradora de artistas e sonhadores, embriagados pela explosão de luz e cor destas ruas que descem de maneira vertiginosa para se encontrarem com o Tejo enquanto procuras o Bairro Alto, te deténs no Chiado e, de repente, sentes o olhar vigilante de Camões que te observa desde a sua atalaia de mármore frente à rima de Pessoa que se confunde e mistura com os sons do piano de Vianna da Motta, que nos marca o caminho até ao São Carlos, depois de deixarmos para trás, em pleno Largo do Carmo, todas aquelas memórias dos tempos em que as entranhas da terra quiseram que a antiga Lisboa se renovasse.

É um verdadeiro privilégio e uma honra, ter a oportunidade de mostrar o fruto do meu trabalho e inspiração, neste lugar mágico, sob a contundente e sagrada arquitectura da Basílica de Nossa Senhora dos Mártires, fundadores de Lisboa, e tudo isto graças à gentileza e carinho que a Fundação SOUSA PEDRO coloca em tudo o quanto se relaciona com a Arte e a Cultura. Mas, não poderia terminar, sem agradecer o alento e o apoio fundamental da Academia de Letras e Artes. E, ainda, toda a dedicação do Professor Doutor António de Sousa Lara e do Vítor Escudero que, com as suas palavras, agasalham o presente catálogo. A Todos... Bem Hajam!



Alberto Germán, modelando a escultura
do Matador de Toiros Pepe Luís
Vázquez, sob o olhar atento e 'cúmplice'
do próprio Maestro sevilhano.



O escultor a soldar a armação em metal para uma escultura.





A realizar o esboço
em plasticina para
o monumento às
azeitoneiras.

Carmen a posar para Alberto Germán, enquanto este modela o rosto do monumento às bandas portuguesas de Ayamonte.







ARRUDA
DOS VINHOS

1 ABRIL
DOMINGO
17H00

FESTIVAL TAURINO
ESTALAJA "O PIROQUITA"

FERNANDES
LLES BASTOS
ISABEL RAMOS

JOSÉ JÚLIO
VICTOR MENDES
PEPIN LIBR
CHAM



Com Fernando Vázquez,
Presidente da "Comissão Pró-
Monumento a Chicuelo", a
erigir em Sevilha, trabalhando na
escultura central para o referido
monumento, sob a empenhada
supervisão de Rafael Jiménez
"Chicuelo".



A retocar na fundição a cera do monumento a Maria Isabel de Ayamonte.



Com o busto de Cristovão Colombo de Moguer, ainda em barro.



A terminar o modelo em barro do monumento a Colombo de La Rábida.



A perfilar a escultura principal do monumento aos "Litri" de Huelva.

A realizar
o retrato de
Michael Saul.





A dar os últimos
retoques ao
retrato do poeta
Manuel Moya.



Vítor Escudero e Alberto Germán no Salão Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa.



Sob o Sol quente e andaluz que ilumina os jardins de La Rábida, Portugal e Espanha, num genuíno e fraternal “mano-a-mano” de Cultura Ibérica, na Homenagem a Cristóvão Colombo: Alexandre Cesário, da Sociedade de Geografia de Lisboa, Mari Luz Romero, Alberto Germán, José María Franco, Juan Luis Aquino, Maria Manuela Neto e Vítor Escudero, Académico de Número e Chanceler da Academia de Letras e Artes, de Portugal.



Alberto Germán Franco Romero, nace en Sevilla en Octubre de 1.970, viviendo en Ayamonte hasta los diez años, a partir de entonces, su vida transcurre a caballo entre

la capital hispalense y Aracena. La vinculación a Huelva y su provincia, tanto familiar como profesionalmente, forjan en él un estrecho vínculo sentimental, e indisoluble, entre la tierra onubense, y la que le vio nacer.

A partir de los dieciséis años, compagina sus estudios de bachillerato, con los de dibujo artístico en la Escuela de Artes y Oficios de Sevilla.

Con diecisiete años, ingresa en la facultad de Bellas Artes de Sevilla, licenciándose, por la rama de escultura en el año 1.993. Es en ese mismo año cuando gana el Certamen de Escultura, que el Servicio de Actividades Deportivas de la Universidad Hispalense, para elegir el trofeo para los Campeonatos Universitarios. En 1999 le conceden el Primer Premio del VI Certamen Nacional de Escultura de Punta Umbría, con una obra en hierro soldado, homenaje a los cien años del Cine.

Cuenta, con más de cuarenta exposiciones colectivas, en lugares como Madrid, Barcelona, Miami, Sevilla, Jaén, Huelva, o Cádiz. En lo que respecta a exposiciones individuales, han sido seis, habiendo realizado un importante número de obras de carácter público y monumental, pudiéndose destacar los monumentos

Taurinos a Pepe Luis Vázquez en Sevilla, a la familia "LITRI" en Huelva, a Bombita en Tomares (Sevilla), y otros como el de los Hermanos Reyes en Castilleja de la Cuesta (Sevilla), al Fútbol en Huelva, a Joaquín Sorolla, a Sor Ángela de la Cruz, al Padre Gutiérrez, a la Música, y a la Semana Santa en Ayamonte (Huelva), al Concejal en Aracena (Huelva), a Cayetano Triviño en Aldeire (Granada), a Rafael Zabaleta en Quesada (Jaén), a Cosme Mellado en Chipiona (Cádiz), a Cristóbal Colón en Palos de la Frontera (Huelva) y Moguer (Huelva) o la Columna escultórica en la entrada del edificio del Externato João Alberto Faria en Arruda dos Vinhos en el Distrito norte de Lisboa (Portugal), etc...

Además tiene numerosas obras de carácter religioso, repartidas por toda la provincia de Huelva, y Portugal, como la de Nuestra Señora del Carmen para el Externato Joao Alberto Faria en Arruda dos Vinhos (Portugal), o la s de Santiago Apóstol para la Basílica de Nossa Senhora dos Mártires en el barrio de Chiado en Lisboa.

Ha desarrollado otras facetas artísticas, como diseños y maquetaciones de publicaciones, organización de espacios escénicos teatrales, o ser comisario de la Magna Exposición que patrocinaron la Fundación EL MONTE y la Delegación de Cultura de la Junta de Andalucía en el Museo Provincial de Huelva, Homenaje al escultor Antonio León Ortega en Mayo de 1.996.

En Noviembre de 2006 toma posesión como miembro correspondiente extranjero en la Academia de Letras e Artes, de Portugal.

FUNDAÇÃO SOUSA PEDRO



Sob o Alto Patrocínio
da Academia de Letras e Artes

